No dia 8 de Março de 2010, os alunos do curso de Engenharia Florestal da unidade curricular de Desenvolvimento Rural, fizeram uma visita de estudo à Serra do Marão acompanhados pelo docente José Portela.

Na primeira paragem, ficamos a conhecer o anfitrião da nossa viagem o Engenheiro Luís Côrte-Real, que nos apresentou em traços gerais a visita que iríamos fazer. Até a paragem seguinte fomos ouvindo alguns aspectos da bacia do Ramalhoso e de dos incêndios que assolaram aquela zona.

Bacia do Ramalhoso

Situada entre 1300 a 1400 m de altitude, sofreu no ano de 1985 um grande incêndio (3000 ha) provocados por pastores, nesse mesmo ano foi iniciado um projecto para criar descontinuidades. Em 2004/2005 criaram-se parcelas tendo como objectivo o fogo controlado, num projecto de prevenção para criar descontinuidades nos montes e paisagens. Foram feitas linhas de fogo controlado em 2004/2005/2006. Em 1986 o projecto de arborização da bacia (600 ha) começou, em 2009 ardeu porque os bombeiros pensavam que eram matos.

E uma zona de pastorícia, com rebanhos comunitários que degradam e meteorizam o solo, levando a causas de incêndios. Este tipo de rebanho comunitário está em vias de extinção, em Mafontes existiam 1000 cabras que pertenciam a população agora existem cerca de 300.

Existem Pinheiro-silvestre, bétula, arbustos, urzes e carqueja, mas que não tem interesse para a produção lenhosa

Túnel do Marão

Uma outra problemática discutida na visita de estudo, foi a notícia em processo das obras do túnel do Marão. Esta questão que se arrasta nos tribunais desde 10 de Novembro de 2009, é tema de conflito entre o proprietário da Empresa das águas do Marão e a Empresa de construção.

A exploração de água nessa zona, que perdura à 25 anos, é feita a nível profundo (300/400 m) e devido às obras, o risco de contaminação a nível do subsolo deste recurso natural é elevado, o que leva a que sejam feitos estudos de impactos.

Por esta razão, as obras não progridem gerindo uma grande tensão entre propriedade privada e propriedade comunitária pelo que leva esta polémica a juízo.

Queda da avioneta

Em 2006, a queda de uma avioneta com consequente morte do piloto, originou um incêndio que consumiu 300 ha de área. Passados 4 anos, a necessidade de retirar árvores ardidas é patente, pois a arborização por Pinus nigra estava a ser executada no momento da nossa visita. Todo o trabalho de arborização, estava a ser feito por sapadores e por membros da população local apesar do frio que se fazia sentir.



Baldios

Em relação aos baldios foi-nos comunicado que sofreu variadas mudanças ao longo dos tempos. Entre 1901 e 1903 criou-se o “regime florestal”, que tinha como finalidades proteger os solos contra a erosão e criar regime de águas. Em 1916 houve a chamada submissão ao regime florestal, onde existiu uma forte contestação por parte da população. Mais tarde em 1919 a serra foi arborizada.

A maior revolução foi feita após o 25 de Abril, onde os baldios foram devolvidos à população, e em 1979 constituiu-se um orgão soberano, a Assembleia de Compartes. Esta assembleia de compartes é constituída pelos moradores da freguesia, que por sua vez são o órgão deliberativo dos baldios.

É necessária uma administração, pois muitos baldios não têm capacidade de se auto-sustentarem, como por exemplo baldios com 200/300/400ha. Estes pequenos baldios têm de se associar, foi então que surgiu o “Plano Regional do Tâmega” que era uma associação entre 6 a 8 baldios, com cerca de 8000ha unidos, mas por vários motivos não resultou.

O baldio de Anciães tem cerca de 2500ha, está a ser gerida por duas pessoas e ainda tem como co-gestor o Estado. Em 1891 a Câmara de Amarante tentou se apoderar do baldio, mas por ordem do tribunal este continuou na posse da população. Foi também nessa altura que o baldio de Anciães foi registado como propriedade comunitária, e até aos dias de hoje é ainda um dos poucos baldios registados na conservatória.

O baldio da Aboadela tem cerca de 2000ha, e desde 1970 está a ser gerida pela Junta de Freguesia, ano em que a assembleia de compartes passou a gestão para esta. O conselho directivo foi substituído pela Junta de Freguesia, órgão autárquico, e a assembleia de compartes ficou equivalente à assembleia geral, órgão com poder. Como curiosidade, são aplicados cerca de 20000 euros neste baldio.

É necessário ter em conta que nos baldios deve haver uma gestão integrada e um planeamento de pormenor, esta estrutura dividida em:

* 1º Concepção
* 2º Execução/construção
* 3º Funcionamento
* 4º Manutenção/gestão

Ao longo do tempo foi-se perdendo o comunitarismo, e a razão maior é que a grande percentagem de receitas chegam aos baldios sem esforços. Isto sendo uma consequência de uma economia rentista, onde a venda de madeiras, as eólicas e as águas dão dinheiro fácil, levando a um certo absentismo em relação ao baldio.

Viveiro de trutas

Nesta paragem os alunos, puderam observar as diferentes etapas da reprodução de trutas em viveiro florestal. Antigamente os viveiros florestais de trutas eram um ponto de referência para a população do interior, uma vez que esta população não tinha acesso a peixe.

Aqui pudemos ver como são criadas, desde a sua ovulação até a sua vida adulta. A água, sempre corrente, permite uma melhor oxigenação dos tanques onde se situam as trutas, permitindo assim com que as trutas, se mantenham no mesmo ambiente do rio. Neste momento as trutas dos viveiros são criadas para serem reintroduzidas nos seus habitats naturais onde o seu crescimento tem vindo a diminuir.

Minas de volfrâmio

Depois de visitarmos os viveiros de trutas, andamos cerca de 1.5km a pé até a localização das instalações antigas dos mineiros das minas da serra do Marão que em tempos empregaram muitas pessoas.

As minas agora abandonadas são o retrato da principal ocupação da gente serrana nos anos 60, foram uma das principais fontes de rendimento do povo nessa altura.

Podemos observar uma queda de água formando uma belíssima cascata, e apreciar a harmonia da Natureza.

Nessa altura o professor falou-nos de um projecto turístico que se pretendia para aquela zona que felizmente não se concretizou, e ainda da importância do solo e da sua riqueza, nesse âmbito falamos também de alguns projectos já desenvolvidos por estudantes de biologia, a quem o professor chamou a atenção sobre esse aspecto, que não recebia a devida importância.

Por volta da hora de almoço o grupo foi separado, os alunos do 1º ano foram a Amarante para uma visita no âmbito da disciplina de silvicultura, os restantes alunos prosseguiram a sua visita pela serra, a partir daí a pé.

Os alunos que continuaram o percurso a pé ficaram no parque de merendas da lameira, um local belo e sossegado com uma flora constituída principalmente por *Larix europeu.*

Casa de Gelo

Depois do almoço partilhado no parque de merendas entre os alunos, os professores e os engenheiros que nos acompanharam, retomamos o percurso pedestre, caminhando até a antiga casa do gelo descoberta há alguns anos, no meio de silvas e rodeada de Vidoeiros. Nesta casa era acondicionado o gelo formado no inverno para posteriormente ser transportado, na época mais quente, para os grandes centros

O regresso

Depois de vermos a casa do gelo continuamos a nossa caminhada para descer a serra do Marão e podemos observar a magnífica paisagem proporcionada por ela, apesar do frio e do vento que se fizeram sentir toda a visita. Durante esse percurso observamos a grande riqueza e diversidade da flora e da paisagem que a serra oferece.

O fim do percurso pedestre foi na pousada do Marão, ponto de encontro entre os estudantes e os engenheiros pela manha. Aí esperamos pelos alunos do 1º ano que se viriam juntar a nós após a sua visita de estudo a sementeira em Amarante. Para não estarmos ao frio o professor negociou a nossa entrada na pousada onde nós nos pudemos aconchegar enquanto a Eng.ª Mafalda nos falou do seu trabalho na câmara de Amarante, quais são as suas funções no gabinete técnico florestal, no que é que a câmara pode intervir e os problemas que tem de enfrentar.

O gabinete dá apoio a protecção civil, faz o acompanhamento e avaliação do risco de incêndio e da necessidade de fazer limpezas e notificam as pessoas para que façam a limpeza de modo a defender as casa e a floresta, apoiam no corte de árvores, trabalham também com um grupo de sapadores, mantém uma boa relação com os baldios para uma gestão sustentável e nas queimadas, tem realizado acções de sensibilização junto das pessoas, no domingo ao fim da missa, principalmente antes do verão, no então ainda não realizaram acções de formação. Há maior preocupação das câmaras através da criação de gabinetes florestais, nota-se que estão mais disponíveis a ouvir, estão mais atentos e isso é um bom sinal.

A Eng.ª Mafalda tem uma boa formação em sistemas de informação geográfica, tem registado as ocorrências e fogos para saber onde se deve intervir mais, onde há um maior perigo de incêndio. Nos últimos tempos tem havido uma invasão do espaço florestal por pessoas de fora, moto 4, motards, lixos… há portanto a questão da regulação do espaço, há problemas de regulação com o exterior, devem haver mais condições, ate porque os lixos podem provocar incêndios. Há grupos de pessoas com moto 4 que tentam sensibilizar os outros.

Tem de se procurar soluções para outros problemas como o pastoreio intensivo, deve haver uma silvopastorícia virada para o futuro e não para o passado, é que embora não hajam muitas pessoas a buscar o isolamento do monte há quem seja resistente e queira realmente mudar as coisas para melhor. O facto de cada baldio ter a sua própria legislação, sobre quem pode ou não circular e em que condição o pode fazer, torna complicada a tarefa de vigiar e fazer cumprir essas regras. No Marão tem corrido bem a relação das câmaras com os baldios. Para que haja cumprimento da lei tem de haver um efeito dissuasor na lei.

Em Sª Marta de Penaguião, no baldio de Ansiães já se tentou falar com o pastor mas ele continua a usar aquilo a sua maneira. Na Aboadela também há um grupo de pastores que continua a fazer as queimadas sem autorização e/ou acompanhamento e a câmara têm tentado ajudar. São os hábitos já antigos das pessoas que as levam a resistir um pouco a essa ajuda pois tem de alterar algumas acções já muito antigas, como por exemplo os caminhos feitos pelos pastores, há algum tempo um grupo dizimou plantações inteiras e por isso foram multados, alguns tiveram inclusive de vender o rebanho para pagar a multa. O filho de um dos pastores do baldio é bombeiro e tem ajudado a câmara dando indicações sobre onde eles querem queimar. Embora, os pastores saibam fazer bem as queimadas, as pessoas estão mais conscienciosas e preocupadas em saber quando podem fazer queimadas, quando é proibido, quando e onde devem limpar.

Podemos concluir que há muito trabalho e é preciso muito empenho, principalmente porque há só uma pessoa no gabinete, embora essa conjuntura tenda a mudar. Mas principalmente é preciso gostar muito do que se faz, tal como a Eng.ª Mafalda e o Eng.º Luís Côrte-real